

ES
CRI
TAS

ES
CRI
TAS

ES
CRI
TAS

ESCRITAS: MASTIGANDO LETRAS, CUSPINDO PALAVRAS

Rafael Nunes Menezes¹

ESCRITAS: CHEWING LETTERS, SPITTING OUT WORDS

ESCRITAS: MASTICANDO LETRAS, ESCUPIENDO PALABRAS

¹ Mestre em Artes Visuais (PPGAV/UDESC). Organizador da publicação “e s c r i t a s” disponível em bit.ly/escritas2022.
<http://lattes.cnpq.br/6308795153004241>.
<https://orcid.org/0000-0002-3163-9793>.
nunesrafael@live.com.

RESUMO

É preciso mastigar letras para sentir frases e cuspir palavras para compor práticas artísticas com o texto: a partir dessa dinâmica, a publicação “e s c r i t a s” apresenta-se como uma compilação experimental de textos em formato eletrônico (*e-book*). A proposta foi elaborada com base em encontros virtuais durante a pandemia de COVID-19. São “e s c r i t a s” com espaços, pois se tratam de “letras em distanciamento social” a tensionar relações entre um lento retorno à “normalidade” pós-pandemia e o desejo de habitar novas plataformas de produção em arte. Este relato tem como objetivo descrever a experiência de um processo criativo colaborativo e difundir como propostas experimentais em escrita podem encontrar apoio em editais públicos. O artigo segue uma abordagem narrativa ao rememorar os processos de feitura do trabalho, recorrendo ao uso de reproduções imagéticas da própria publicação. Alinha-se também o conceito de intercessores proposto por Deleuze ao relacionar as propostas de criação em oficinas e no texto a uma multiplicidade de agenciamentos, vislumbrando o outro pela diferença de suas produções, pelos modos improváveis de ir e vir, criando um trabalho composto por afetos que pausam em contos, poemas, textos, enfim, em escritas.

Palavras-Chave: Escritas. Intercessores. Práticas artísticas. Publicação eletrônica.

ABSTRACT

This article revisits the method of *step-in*. It is necessary to chew letters to feel sentences and spit out words to compose artistic practices with the text: based on this dynamic, the publication “e s c r i t a s” presents itself as an experimental compilation of texts in electronic format (e-book). The proposal was developed based on virtual meetings during the COVID-19 pandemic. They are “e s c r i t a s” with spaces, as they are “letters in social distancing” tensioning relationships between a slow return to post-pandemic “normality” and the desire to inhabit new art production platforms. This report aims to describe the experience of a collaborative creative process and disseminate how experimental proposals in writing can find support in public notices. The article follows a narrative approach when recalling the processes of making the work, using image reproductions of the publication itself. The concept of intercessors proposed by Deleuze is also aligned when relating the creation proposals in workshops and in the text to a multiplicity of agencies, glimpsing the other through the difference in their productions, through the unlikely ways of coming and going, creating a work composed of affections that pause in stories, poems, texts, in short, in writings.

Keywords: Writings. Intercessors. Artistic Practices. Electronic publication.

RESUMEN

Es necesario masticar letras para sentir frases y escupir palabras para componer prácticas artísticas con el texto: a partir de esta dinámica, la publicación “e s c r i t a s” se presenta como una recopilación experimental de textos en formato electrónico (*e-book*). La propuesta se desarrolló a partir de encuentros virtuales durante la pandemia de COVID-19. Son “e s c r i t a s” con espacios, como son “cartas en distanciamiento social” que tensan las relaciones entre un lento retorno a la “normalidad” pospandémica y el deseo de habitar nuevas plataformas de producción artística. Este informe tiene como objetivo describir la experiencia de un proceso creativo colaborativo y difundir cómo propuestas experimentales escritas pueden encontrar apoyo en avisos públicos. El artículo sigue un enfoque narrativo al recordar los procesos de realización de la obra, utilizando reproducciones de imágenes de la propia publicación. También se alinea el concepto de intercesores propuesto por Deleuze al relacionar las propuestas de creación en los talleres y en el texto con una multiplicidad de agencias, vislumbrando al otro a través de la diferencia en sus producciones, a través de las formas improbables de ir y venir, de crear una obra. compuesta de afectos que se detienen en cuentos, poemas, textos, en definitiva, en escritos.

Palabras clave: Escritos. Intercesores. Prácticas artísticas. Publicación electrónica.

Prefácio

Compor com caracteres em espaços é lembrar que quando se faz escrita(s) em um ambiente virtual, há múltiplos agenciamentos a serem elaborados. Tais agenciamentos vão de encontro à ideia de um “crescimento das dimensões numa multiplicidade que muda necessariamente de natureza à medida que ela aumenta suas conexões” (Deleuze; Guattari, 2011, p.14). Caractere é, segundo uma definição de dicionário, uma “letra, símbolo, sinal, número que representa algo escrito” (Dicio, 2023, *online*), isto é, um conjunto de representações se compondo, somando para elaborar um enunciado a partir de uma infinidade de combinações, intenções e proposições. Logo, quando aquele que escreve deseja verbalizar em caracteres um “grito de letras”, ele o faz a partir de pequenos espaços: espaços entre letras, sílabas, palavras, entre um parágrafo e outro; espaço entre o que é escrito e o que é lido; espaço do “avesso do dito” presente nas interpretações possíveis e improváveis de uma escrita que escapa das intencionalidades do autor.

Há, portanto, algo de não traduzível, de não enunciável no processo da escrita, algo que se apresenta como possibilidade de palavras outras, várias, de múltiplos sentidos a seguirem caminhos inesperados. Mas quem escreve faz suas escolhas dentre um infindável oceano de palavras possíveis, o que alça o escrever à condição de posicionamento ético, estético e político: todo escrito objetiva as escolhas de seu autor ao mesmo tempo em que comporta inúmeros outros dizeres possíveis, porém não pronunciados; todo dito se apresenta como abertura a infindáveis contraditos, via leitor que necessariamente (re)cria o lido e igualmente se posiciona, com os sentidos que margem das relações éticas, estéticas e políticas que estabelece com o texto lido [...] (Zanella, 2015, p. 90).

É preciso compreender uma dinâmica fundamental no ato de escrever sozinho: é na esfera do fazer individual, ou seja, do artista em seu bloco de notas ou computador pessoal que (algumas) práticas em escrita começam a ser elaboradas de caractere em caractere. Depois das dúvidas, das folhas rasgadas, da palavra apagada, da revisão geral, essas anotações podem se tornar públicas ou não, em uma publicação ou não, coladas como um adesivo em paredes da universidade ou não, declamadas em praça pública ou não...

Ora, percebe-se nisso o espaço do “ou não” como uma constatação aterrorizante de uma escrita que não se torna coletiva, que não chega ao outro, que não conhece a leitura silenciosa de olhos com vontade de devorar palavras. Portanto, este artigo desacolhe escritos guardados nos fundos empoeirados de gavetas e acolhe a “[...] escrita e leitura como fechamento e abertura, processos a tecerem imprevistos encontros de autor e leitor na reinvenção do próprio texto que se apresenta como mote para texturas outras” (Zanella, 2015, p. 90).

O ato de publicar uma prática em escrita estabelece com o outro encontros que saltam do papel pólen 90g/m² ou da página da *internet*, como é o caso da publicação descrita ao longo destas linhas: e s c r i t a s, estilizada com espaços, é uma publicação virtual e seu ambiente de publicação foi o meio digital em 2022. Todavia, as páginas que a compõem não surgiram no estilo “escreva um capítulo para uma obra organizada por mim”, mas de um convite para compor em colaboração a partir de vivências na oficina intitulada “Modos de ir e vir com escrita, poesia e vozes em diálogo” de 2020.

Por entender que o tempo de compor passa por uma intimidade, esta, relacionada àquele que escreve, seu espaço físico (a casa, o papel, a tela do computador) e espaço abstrato (as ideias, o sensível), a proposta da oficina tentou não excluir esse momento particular de cada escritor com seu processo, porém, como contrapartida, buscou criar agenciamentos entre o individual e o público, ou melhor, do individual em direção ao pú-

blico, coletivizando (vozes em diálogo) a partir de dinâmicas “em criação”.

Para tanto, duas considerações devem ser apresentadas: 1) a publicação e s c r i t a s é percebida como prática artística, “obra de arte” relacionada a “obra literária”, em que há uma cautela sobre esses termos à medida que:

Não tanto a obra, também a obra (de arte). De maneira semelhante, não tanto o objeto, também o objeto (de conhecimento). Nem tanto o princípio, como já foi dito aqui. De maneira semelhante, nem tanto o fim (finalidade). Sobretudo os meios, os procedimentos, os modos, os processos. Importam os modos de pesquisa, os modos de conhecimento que a arte é capaz de inaugurar. [...] Além dele a tomada de posição a favor de algo adequadamente nomeado “em arte” e não “de artes”, bem menos “sobre artes” (Ribeiro; Rocha, 2014, p. 18).

A partir da citação acima, verifica-se: 2) o uso “em arte” reverberado nas oficinas “em criação” – ao enfatizar a abertura dos envolvidos nos processos situados entre o início e o fim, e ainda que um resultado final era esperado, a publicação não foi vislumbrada ou pré-formatada na proposta inicial da oficina: as trocas entre os envolvidos durante os encontros foram essenciais para que as páginas se organizassem como são lidas e sentidas.

A primeira parte do título da oficina (“modos de ir e vir”) vislumbra como criar movimentos durante o período pandêmico, quando os corpos já estavam exaustos de telas e videochamadas. Neste contexto, a poesia e o diálogo foram os agenciamentos possíveis para criar escritas *online* via plataforma ZOOM.

É necessário mencionar que projeto da oficina foi contemplado pelo edital “#SCulturaEmSuaCasa” da Fundação Catarinense de Cultura (FCC), este objetivou a “oferta de programação cultural à população de

Santa Catarina no período de isolamento social para conter o avanço da pandemia” (FCC, 2020, *online*). Sendo assim, o recurso financeiro custeou a ficha catalográfica e ISBN (uma identificação para publicações), como também, todas as outras demandas operacionais necessárias para a prática.

Tal oficina pensou no experimental das escritas – sempre no plural, por se tratar de encontros com as bordas das páginas, com os caracteres espaçados, com os caracteres sem espaço, com os bloqueios criativos, enfim, plural para um vislumbre de si e do outro pela(s) diferença(s) de suas produções, criando um trabalho composto por afetos que pausaram em contos, poemas, textos: e s c r i t a s, ainda que com espaços.

Quando afetados pelas audições e visões, gostos e cheiros, toques de vidas que nos forçam a pesquisar na historicidade de um tempo que acontece, percebemos que nossas questões são feitas de vidas. [...] Imanência de relações no corpo que cria passagens com que força a experimentar nosso pensamento: afectos e perceptos que já não são de um ou de outro, mas da vida. Não precisamos mais temer o processo de estarmos afetados pelo acontecimento no ato de pesquisar [de escrever], pois o que antes era dado como “ponto fraco” do pesquisador [autor], agora marca uma condição indispensável do processo de pesquisar [escrever]: a capacidade de afetar e afetar-se para que se criem os modos de expressar os sentidos de uma pesquisa [escrita] (Lazzarotto; Carvalho, 2012, p. 26).

No próximo tópico, comentarei mais detalhadamente como os afetos gerados tornaram-se relatos escritos, para isso, a abordagem narrativa de Oliveira (2011) mostrou ser uma metodologia adequada para apresentar as paisagens textuais ao se valer do exercício de lembrar, partindo da memória para reescrever os percursos que culminaram no lançamento da publicação.

Encadernação

Tarefa árdua: agenciar autores diversos com modos de escrita(s) tão singulares. Processo de abertura: ao ir e vir das conversas, ao encontro com as diferenças dos participantes. A escrita “expansiva”, termo tomado de empréstimo do título do livro *Estratégias expansivas: publicações de artistas e seus espaços moventes* (2011), mostrou-se uma atividade potencializadora das práticas artísticas na oficina. “Em expansão” no sentido das inúmeras possibilidades de uma publicação eletrônica, pois o ambiente digital permite, por exemplo, páginas em formato paisagem e retrato em um mesmo arquivo de texto.

É um exercício laborioso e sensível pensar como costurar páginas virtuais como se fossem folhas de papel. Especificamente, o encadernamento da publicação deu-se por suturas deixadas pelas cicatrizes do texto de cada autor. Os programas de edição como o *Word*, *Photoshop*, *InDesign* desdobraram o texto em uma multiplicidade de diagramações praticáveis, fugindo da tradicional publicação “obra literária”. Dito isso, e s c r i t a s toma para si o entre-lugar de publicação experimental: ora beira o literário com seus contos e poemas em prosa e em versos, ora beira à experimentação artística ao usar o próprio texto como meio performativo, não ignorando, portanto, que por trás de cada tela existe um corpo “digitante”: digita, *delete*, *ctrl+c*, *crtl+v*, e s p a ç o.

Um texto, por esse olhar, estará em estreita relação com um fôlego de fazer frases, mas sem se confundir com elas. Ele pode ser encontrado nas visões e na condição de produção singular de quem as escreve. O texto está no espaço e nas relações que o corpo estabelece, está na interioridade, nos cheiros, nos quartos, nos pensamentos e nos vislumbres. Ou não. Poderá estar também naquilo que não é perceptível ou que só lentamente começa a ser notado. Talvez por isso, o texto seja intransmissível enquanto algo que existe antes da

frase, pois só pode ser captado através de uma espécie de documentação, nas frases que imprime (Bethonico, 2016, p. 247).

Em uma primeira ação na oficina, convidei os participantes a não ligarem suas câmeras de *notebook* e, ao invés de usarem seus nomes próprios, criarem um pseudônimo, um nome-outro, uma palavra-movente para si. Esse momento levou o grupo às primeiras práticas de mastigar palavras e cuspir letras. Como mencionado no último tópico, as oficinas aconteceram em um momento crítico do isolamento pandêmico, dessa forma, corpos já estavam exaustos das videochamadas. Pensar em mover esses corpos ainda que virtualmente, ajudou a construir um ambiente propício ao criar sensível, habitando um espaço tão delimitado de uma outra forma, e assim surgiram respectivamente: espelho, rosto-sem, água-viva (quase), mar-vago, *itineretirar*, bolha (de algodão), entusiasmo, batiscafo (Fig. 1).

As atividades durante os encontros na plataforma *online* foram disparadoras para a elaboração dos textos, e como demonstra o próprio título da oficina (a lembrar “modos de ir e vir”), houve uma série de vozes compondo os agenciamentos. Vozes das conversas dos escritores-participantes sugerindo práticas artísticas a partir de palavras de outros autores, como as vozes de um livro de poesia intitulado “Do Ínfimo” com seus versos que convidam a pensar nas conexões do ato de pensar o texto de encontro com um outro: “Não sei senão do ínfimo e do murmúrio das pequenas coisas, as que não chegam à palavra [...]”² (Cantinho, 2018, p. 17) e continua nos versos “E nada nos era vedado, porque outras eram as margens, outro era o desejo, no avesso do dito [...]”³ (p. 19). As vozes do grupo silenciaram-se com a leitura desses pequenos poemas-assombrosos.

2 Poema intitulado “Do Ínfimo”.

3 Poema intitulado “O eco”.

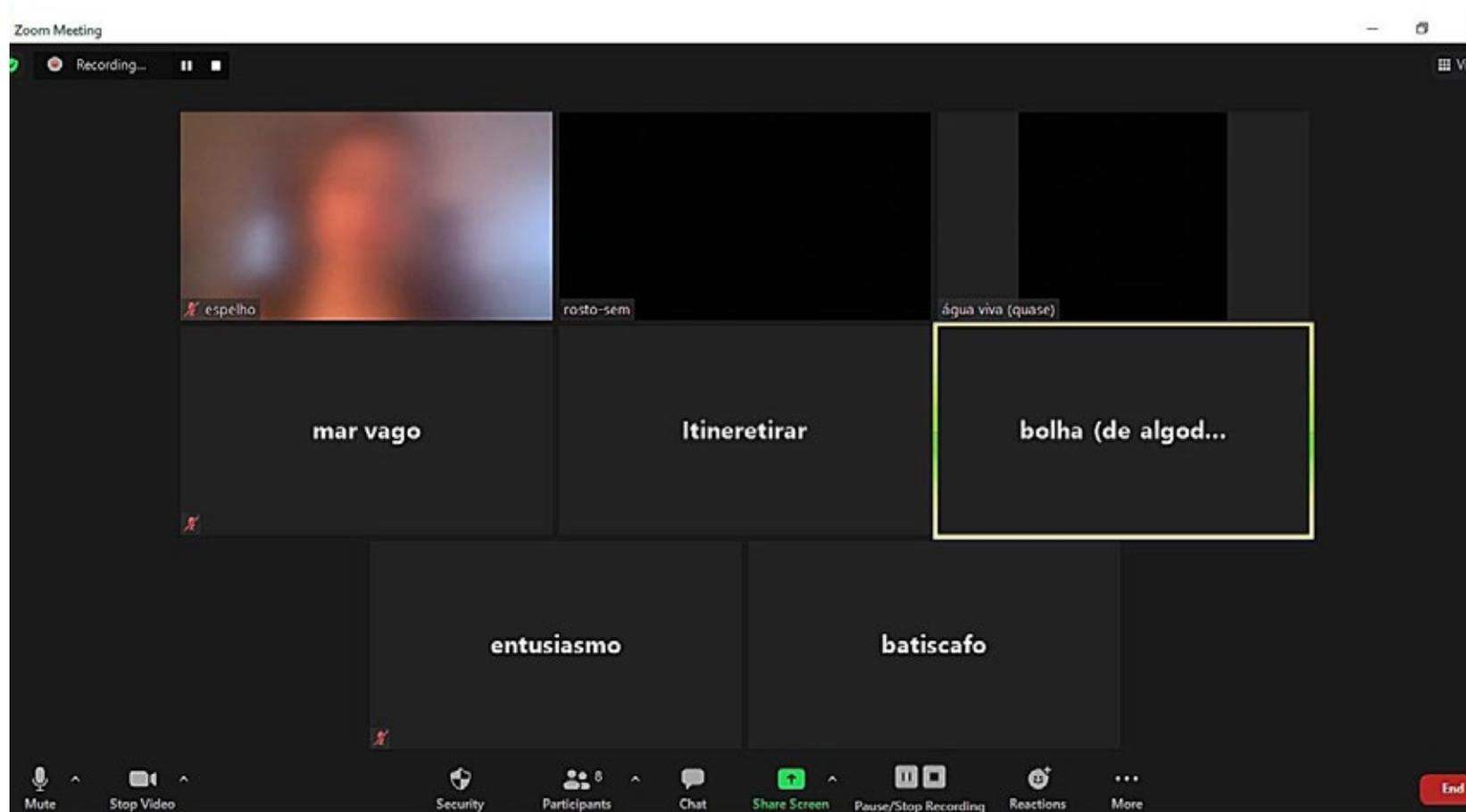


FIGURA 1.

Captura de tela de uma videochamada, oficina em criação, 2020. Fonte: elaborado pelo autor.

[...]
 e a matéria transfigurada em poema,
 esse golpe certo e lírico
 asa, de sonho,
 magma, víscera, palavra
 suor, sangue, alma
 língua, jogo, imagem
 trevas esperando alba
 e a clara luz, esse estremecimento
 mínimo
 oculto nos detalhes.
 [...]⁴
 (Cantinho, 2018, p. 21).

Os primeiros esboços da publicação surgiram como pequenas anotações sobre experiências enfrentadas durante a pandemia: sentimentos de angústia, solidão, a sensação de corpos anestesiados por telas, por demandas remotas. Havia um desejo latente para a criação, porém por algum motivo, grande parte dos escritores-participantes não sabiam como colocar o “corpo” no papel ou fazer a página em branco transbordar a partir dos afetos (Fig. 2). Diante desse cenário, como propositor, decidi elaborar novas trocas a partir do conceito de intercessores:

4 Poema intitulado “Assombro”.

dança do caminhar

par de angústias
 par de solidão
 ardor
 ardência.

como pôr o corpo no papel?
 por cor po
 cor por
 cor

FIGURA 2.

Captura de tela de dois textos de escritores-participantes diferentes, 2023. Fonte: elaborado pelo autor.

O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores. Sem eles não há obra. [...] Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores. É uma série. Se não formamos uma série, mesmo que completamente imaginária, estamos perdidos. Eu preciso de meus intercessores para me exprimir, eles jamais se exprimiriam sem mim: sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê. E mais ainda quando é visível: Félix Guattari e eu somos intercessores um do outro (Deleuze, 2013, p. 160).

É preciso mencionar que a troca dos nomes de usuário para um verbete e os poemas de Maria João Cantinho já funcionavam como primeiros intercessores da nossa prática em escrita: foi inventando títulos-outros para si, que paisagens imaginárias e pseudônimos “fictícios” (potencializando a redundância) impulsionaram o ato criador para além da escrita de um texto específico, porque as relações entre o grupo sempre foram tão importantes quanto a publicação final: é por causa do processo, do que habita no meio, no entre, que essas linhas são possíveis de serem escritas e tornadas públicas. Um *oficinar* para além do pré-estabelecido, pois:

Ao intervir no vivido, ou fazer dançar as palavras, uma oficina se compõe enquanto maquinação do ser em seu anseio por um mundo em criação. Por entre a nudez de significados já sabidos e a costura de novas frases em devaneio, é possível arriscar o movimento em um ritmo que acompanha o agenciar dos afetos. Os poros se abrem à experiência. Não há mais métodos *a priori*. [...] Nessa trama, o *oficinar* se agencia ao outrar e ao nomadizar, porque as vizinhanças supõem encontros entre os infinitivos e suas movimentações (Moehlecke, 2015, p. 169).

Dessa forma, uma nova prática foi sugerida: organizar uma série de interesses e/ou referenciais que afetasse de alguma forma cada escritor,

tais referências poderiam ser um autor ou artista, poderia ser uma música, um filme, uma imagem da cultura visual, resumindo, poderiam ser estabelecidas relações com as mais diversas áreas e suas mídias. Cada um do grupo apresentou sua série e conversamos sobre como as coleções desdobravam as práticas em escrita de forma particular e por extensão, de forma coletiva, visto que muitas referências foram compartilhadas, e em sua maioria, estas eram desconhecidas ao grupo.

Outra atividade proposta nas oficinas foi a captação das paisagens sonoras a partir de nossos microfones: nessa dinâmica, os microfones ficaram ligados enquanto as escritas coletivas e individuais aconteciam, e de repente, havia uma sinfonia sutil em dado momento, em outros, ouvia-se um cachorro latindo, gritos desconhecidos, falas de visitas inesperadas, sinos ressoando ao fundo, risos de uma piada, ruídos e, em certa medida, um silêncio constrangedor. Algumas dessas escutas reverberam na escrita de alguns autores que decodificaram os sons (Fig. 3).

Em contrapartida às dinâmicas “em criação” e suas reverberações, havia também um projeto pessoal de cada participante: um bloco de texto sem número definido de páginas (ou seja, um capítulo na tradição literária), espaço este que o escritor teria total liberdade de criação – formas-outras de diagramação foram incentivadas e como mediador, ajudei na questão do *design* e em algumas edições de texto. O tempo do trabalho no texto foi curto, cerca de três semanas e aproveitamos o fato de estarmos no ambiente virtual para criar um grupo no *WhatsApp* onde existiu uma comunicação quase em tempo real.

A publicação tomou forma e algumas questões foram decididas coletivamente. A respeito do título, ele surgiu de uma brincadeira no aplicativo do grupo quando surgiu a palavra “escritas” e alguém falou: “e s c r i t a s com espaços, em distanciamento social como nós”, rapidamente todos concordaram e a ideia resumiu o contexto enfrentado por todos. Curiosamente, até hoje só conheço alguns dos participantes por

ouvindo
no zoom
(máximo)
apreendendo
cada
detal(h)ingua

coletar palavras sons silêncios
ruídos
carros
pássaros
sino da igreja
a palavra não dita
a palavra ouvida
a palavra
molhada
de saliva

palavra: elemento água e ar

FIGURA 3.

Captura de tela de dois textos de escritores-participantes diferentes a partir de exercícios de “captação de paisagens sonoras”, 2023. Fonte: elaborado pelo autor.

meio digital, logo, sempre estivemos distanciados, mas de alguma forma conectados pelas videochamadas, pelo texto, pela vontade de “dobrar a língua”.

Publicada no primeiro semestre de 2022, *e s c r i t a s* é composta por contos, poemas e muitos textos que usam da diagramação como tensionador de outras formas de se pensar a estrutura do texto, utilizando de ferramentas simples do próprio *Word* e suas possibilidades: letras enormes, letras tão pequenas que se precisa de *zoom*, texto digitado verticalmente, paginação não ordenada por uma lógica específica ou explicada, textos que terminam abruptamente. Todas essas tensões (e intenções) movimentam o ir e vir na publicação e convidam à criação de leituras diversas do mesmo texto, à torção do pescoço para ler o que está enviesado, o assombro ao se deparar com palavras inventadas e quase impronunciáveis: é estranhamento, é potência, é expressão.

Epílogo

Na busca de criar novas formas de apresentar o texto, uma escrita coletiva foi realizada, colaborativa, em que cada bloco escrito tinha relação, em algum nível, com o anterior. O arquivo ficava disponível *online* e podia ser acessado a qualquer horário de qualquer dispositivo com acesso à *internet*. Em contraposição ao título desta seção, decidiu-se usar esse texto como introdução da publicação. Apresenta-se transcrito a seguir:

L***** 30/10 19h35:

eu disse que tinha dificuldade em iniciar textos / mas também não vou colocar um ponto final



FIGURA 4.

Captura de tela da capa de “*e s c r i t a s*”, 2023. Fonte: elaborado pelo autor.

R***** 30/10 18:55

Eu sou péssimo em terminar textos, fim. E eu tenho um carinho pela Garamond, porém apenas em tamanho 11.

C***** 30/10 19:58

- pergunto - como começar esta sentença sem eu? é possível medir o quanto sujeito oculto indicia do eu por meio de uma régua? quem mediria? tu?

Anônimo 04/11:

o mais importante seria a forma de medida: subatômica ou em anos-luz? Ou isso nos leva aos mesmos valores e aos mesmos lugares?

C***** 06/11:

É uma régua reta? Parei para pensar se é possível régua ondulares, que possam medir as coisas a partir das relações que elas fazem umas com as outras.

L*****:

06/11/2020: Que lindo, C.

V***** 07.11 17:21:

se tudo é relacional as réguas passam a dar voltas em torno, o Eu se mistura no outro. De modo que não se sabe onde começa e como acaba.

Topônimo 07:11 21/35:

Sim e não, dois medidores de distância. Duas réguas da linguagem. Sim, perto. Não, longe. Sim, por favor. Não, com licença.

C***** 07/11 21:45:

Acento (o “A” em caixa alta como primeira letra acentua a dicção de “acento”) agudo muda nome, muda eu, viro outro? Acentuar nome até virar outro? Assentar o outro? Sentar no banco? No outro banco?

M*** 08/11 12:51:

dicção

mastigar

as palavras

cuspir letras

acentuar a dicção

muda nome? muda eu?

acentuar até eu virar outro

a cen tu ar até euvi raro utro

a ceu tu ar a te eu virar ou tro

ah, céu, tu, ar! até te vi virar

outro

Anônimo 09/11 01:07

o ar nos une

M***** 09/11 10:47

Assentar a escrita em páginas brancas, ressoa palavras de si entre pausa.

Post scriptum

Optou-se por não descrever os blocos de texto, por entender que a experiência da publicação deve ser experienciada na leitura integral da coleção de letras mastigadas. Portanto, após esse vislumbre de algumas reproduções das páginas suturadas em meio digital, este pequeno texto é um convite para a leitura na íntegra da publicação “e s c r i t a s”⁵, o *link* está disponível na nota de rodapé, não obstante, as palavras cus-

5 e s c r i t a s, publicação disponível em: bit.ly/escritas2022.

pidas em texto escapam desse *P.S.* (e desse artigo) de forma a criar um novo sentido a partir da abertura que cada leitor se permite a encarar o fluxo de l e t r a s em espaços a serem preenchidos por novas subjetividades e suas interpretações: é um convite à mastigação.

Referências

BETHONICO, B. R. **O texto que existe antes da frase**: apontamentos sobre escrever, ler e performar. Revista Digital Do LAV, 9(2), 245-260.

CANTINHO, Maria João. **Do ínfimo**. Guaratinguetá: Penalux, 2018.

CARACTERE. In: **DICIO, Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2023. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/caractere/>>. Acesso em: 01 out. 2023.

DELEUZE, G. Conversações. 3ª ed. São Paulo: Editora 34, 2013.

DELEUZE, G; GUATTARI, Felix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia: vol. 1. São Paulo: Editora 34, 2011.

FCC. **Edital #SCulturaEmSuaCasa**. Santa Catarina, 2020. Disponível em: <<https://www.cultura.sc.gov.br/noticias/22712-edital-scultura-em-suacasa-tem-inscricoes-abertas-para-apoio-a-iniciativas-culturais-on-line>>. Acesso em: 01 out 2023.

LAZZAROTTO, G. D. R.; CARVALHO, J. D. Afetar. In: FONSECA, Tania Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia do; MARASCHIN, Cleci (Org.). **Pesquisar na diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 25-27.

MOEHLECKE, V. Oficinar. In: FONSECA, Tania Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia do; MARASCHIN, Cleci (Org.). **Pesquisar na diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 167-170.

OLIVEIRA, M. O. Por uma abordagem narrativa e autobiográfica: diários

Data de submissão: 30/06/2023

Data de aceite: 19/09/2023

Data de publicação: 28/11/2023

de aula como foco de investigação. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (Org.). **Educação da cultura visual - conceitos e contextos**. 1 ed. Santa Maria: Editora da UFSM, 2011, v. 3, p. 175-190.

RIBEIRO, Walmeri; ROCHA, Thereza. Por uma poética do pensamento e da criação em artes. In: Ribeiro, Walmeri, Rocha, Thereza. (Org.). **Das Artes e seus territórios sensíveis**. 1 ed. São Paulo: Intermeios, 2014, v. 1, p. 15-20.

ROCHA, Michel Zózimo. **Estratégias Expansivas**: publicações de artistas e seus espaços moventes. Editora do Autor. Porto Alegre, 2011.

ZANELLA, A. V. Escrever. In: FONSECA, Tania Mara Galli; NASCIMENTO, Maria Lívia do; MARASCHIN, Cleci (Org.). **Pesquisar na diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 89-92.